



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC – CAMPUS XIV  
COLEGIADO DE LICENCIATURA HISTÓRIA

**VANESSA BATISTA DOS SANTOS**

**RELAÇÕES ENTRE O CANDOMBLÉ E O CATOLICISMO EM CONCEIÇÃO  
DO COITÉ, POVOADO DE CORREIA (1960-2008)**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ  
2022**

**VANESSA BATISTA DOS SANTOS**

**RELAÇÕES ENTRE O CANDOMBLÉ E O CATOLICISMO EM CONCEIÇÃO  
DO COITÉ, POVOADO DE CORREIA (1960-2008)**

Pesquisa, entregue ao colegiado de Licenciatura- História, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XIV Departamento de Educação–DEDC, como requisito parcial para aprovação no componente curricular Pesquisa IV.

Orientadora: Me: Daniela de Jesus Ferreira.

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA**

**2022**

**VANESSA BATISTA DOS SANTOS**

**RELAÇÕES ENTRE O CANDOMBLÉ E O CATOLICISMO EM CONCEIÇÃO DO  
COITÉ, POVOADO DE CORREIA (1960-2008)**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Histórica, do Departamento de Educação – *Campus XIV* – Conceição do Coité-BA, defendida no dia 16 de dezembro de 2022, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela de Jesus Ferreira (Orientadora)  
Universidade do Estado da Bahia

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristiane Soares de Santana (Banca Interna)  
Universidade do Estado da Bahia

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Kelman Conceição da Silva (Banca Interna)  
Universidade do Estado da Bahia

## **Agradecimentos**

Primeiramente a Deus, que me deu forças para que eu não desistisse de concluir a pesquisa, sobre a rotina de vida dos povos de Conceição do Coité e o povoado de Correia, não foi fácil passar por esse trajeto, pois tanto o silêncio envolvendo as pessoas como a falta de fontes e a falta de interesse das pessoas em relatar sobre o tema dificultou desenvolvimento do trabalho.

Minha mãe, que quando eu morava com ela deixava meu tempo livre para que eu pudesse estudar, minhas irmãs e meu pai que sempre estiveram comigo nessa caminhada, a vocês minha família, minha eterna gratidão.

A minha orientadora Daniela de Jesus Ferreira, que além de orientadora foi amiga, em todos os momentos da construção da pesquisa, nos momentos que eu estava desesperada foi compreensiva, e atenciosa, muito obrigada por tudo e por tanto.

Sou grata também pelos entrevistados, que foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, meu muito obrigado por tirarem um pouco do tempo de vocês para contar suas histórias de vida.

Também agradeço aos funcionários da casa paroquial, de Conceição do Coité, e aos funcionários do Arquivo público Municipal de Conceição do Coité, que se dedicaram a procurar livros, e atas.

E a meu esposo, que acompanhou de perto toda minha dedicação, e minhas angústias. A todas e todos que, contribuíram para a construção da pesquisa.

Obrigada meu Deus!

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os terreiros de Candomblé no povoado Correia, localizado no Município de Conceição do Coité- BA, focando nas relações entre o Catolicismo e o Candomblé e as práticas de curas entre os anos 1960, período que a Cidade passou por um processo de civilização, diante disso a cidade desejava tirar do espaço urbano os costumes afro, considerado incivilizado o que proporcionou um inchaço de terreiros nos povoados, inclusive na Correia, e 2008 o ano que o povoado recebeu o Terço dos homens, movimento esse criado pela igreja Católica, que tem como o objetivo tirar os homens de espaços pecaminosos. Utilizo livros de decretos e o livro do tombo, e jornais, e fontes orais para desenvolver a investigação apresentada.

**Palavras chaves:** Conceição do Coité; Candomblé; Catolicismo; tempos modernos; Povoado de Correia.

## ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the Candomblé terreiros in Correia village, located in Conceição do Coité-BA, focusing on the relations between Catholicism and Candomblé and healing practices between the 1960s, a period that the City went through a period of civilization process, in light of this, the city wanted to remove Afro customs from the urban space, considered uncivilized, which led to a swelling of terreiros in the villages, including Correia, and 2008 was the year that the village received the Men's Rosary, a movement created by the church Catholic that aims to take men out of sinful spaces. I use books of decrees and the book of tombo, and newspapers, and oral sources to develop the research presented.

**Keywords:** Conceição do Coité; Candomblé; Catholicism; modern times; Village of Correia.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 - RELAÇÕES ENTRE O CANDOMBLÉ E O CATOLICISMO EM CONCEIÇÃO DO COITÉ, POVOADO DE CORREIA (1960-2008).....	9
1.1 Candomblé .....	11
1.2 Terreiro: espaço de relação social .....	16
1.3 Religiosidade e política .....	17
CAPÍTULO 2 – O CANDOMBLÉ E A MEDICINA POPULAR .....	24
2.1. Terreiros .....	25
2.2. Candomblé: e a identidade do negro .....	28
2.3. Medicina popular: a cura fora dos hospitais .....	30
CONCLUSÃO .....	32
REFERENCIAS .....	33
FONTES .....	34
ENTREVISTAS.....	34

## INTRODUÇÃO

O meu olhar sobre o Candomblé surgiu com o envolvimento da minha família nos terreiros do povoado de Correia, passei minha infância acompanhando meus familiares frequentando os festejos da cultura afro, e da Igreja Católica, porém, questionava-me o porquê as idas aos terreiros deviam ser sigilosas, na minha memória ficaram registrados tudo que participei, principalmente comendo caruru em um vaso juntamente com seis crianças.

Meus pais, juntamente com meus familiares, pessoas humildes, cresci no espaço rural, enfrentando dificuldades financeiras juntamente com meus familiares, então não podia desperdiçar dinheiro, com isso qualquer problema de saúde, entre outros, o mais certo era ir há uma casa de sacerdote/babalorixa, que com certeza dava o remédio certo, se fosse problema de saúde, mais não entendiam o motivo de ter que guardar segredos da visita aos agentes de cura. Porém o que me despertou interesse para estudar sobre o Candomblé foi no curso de História ao fazer leituras dos textos da disciplina de Brasil, e a partir daí adquiri conhecimento sobre Catolicismo, e a religião dos povos Afros, O desenvolvimento da pesquisa tomou rumo na disciplina de pesquisa, a partir daí procurei informações do povoado de Correia, marcado pela influência africana e também da cidade de Conceição do Coité, que carregava os resquícios da cultura europeia, no quesito da civilização.

Desse modo, a pesquisa teve como finalidade analisar a relação entre o Catolicismo e o Candomblé, entre os anos 1960 à 2008, no contexto da modernidade que a cidade passou, e como o Candomblé resistiu às táticas de intolerância e quais as estratégias de resistência, pensando também na importância da religião de matriz africana, envolvendo as práticas de cura, e a influência do cristianismo.

A análise final do recorte temporal desta pesquisa, baseia-se na fundação do movimento religioso, referente ao cristianismo, o terço dos homens, no povoado de Correia, de como esse movimento se relacionou com a cultura oriunda da África.

Com o objetivo de compreender as questões apresentadas, é fundamental a utilização da fonte oral, para trazer para o papel as lembranças dos adeptos/simpatizante, da cultura africana. A pesquisa com o tema relacionada à cura e a religião afro-brasileira, foi desafiador, principalmente pelo fato da história da tradição dos povos de cor não serem registradas da forma escrita.

E por se tratar de um povo marginalizado, dificilmente possuía escrituras sobre suas vivências principalmente, quando envolve a religião e as práticas de cura. Entretanto o conhecimento envolvendo as origens e costumes desses sujeitos são transmitidos para as novas gerações por meio da oralidade.

O depoimento das pessoas envolvidas no mundo afro foi a principal fonte para o desenvolvimento da pesquisa. As dificuldades encontradas partiram do silêncio, pois muitas das pessoas consideradas ponto chave, tiveram receio ao falar, sobre a cultura africana, sobre suas idas aos terreiros, e para, além disso, muitos sacerdotes o qual eu ia entrevistar faleceram. Já as pessoas a qual contribuíram relatando um pouco sobre as práticas de cura, falaram timidamente sobre o candomblé, e foram essenciais para construir a pesquisa.

O presente trabalho é composto por dois capítulos, e tópicos, o primeiro capítulo discute sobre Conceição do Coité, focando no surgimento, setor econômico e o processo de civilização da cidade, e faço uma análise sobre o povoado de Correia focando no setor econômico e o mundo religioso, e discuto sobre o sincretismo entre o Candomblé e o Catolicismo.

No tópico 1.1 do primeiro capítulo faço uma análise sobre o que é o Candomblé e o papel do sacerdote, e rezadeira, e a relação entre o candomblé e o catolicismo.

No tópico 1.2 relato sobre a importância do terreiro, pensando no que o espaço representa para as pessoas consideradas incivilizadas.

No tópico 1.3 relato sobre a influência da elite, no quesito de exaltar os festejos de influência europeia, e sobre o catolicismo, e as regras que a serem cumpridas no centro da cidade.

No capítulo 2, estar direcionado a abordar as práticas de cura da medicina popular, e o papel dos sacerdotes como agente de cura.

No tópico 2.1, investigo a participação das pessoas nos terreiros, no âmbito festivo.

No tópico 2.2, foram analisadas questões do papel do Candomblé, para construção do negro e a crise de identidade dos povos candomblecistas.

No tópico 2.3, foi analisado o papel das rezadeiras desenvolvendo a cura, através das rezas.

## **CAPÍTULO 1 - RELAÇÕES ENTRE O CANDOMBLÉ E O CATOLICISMO EM CONCEIÇÃO DO COITÉ, POVOADO DE CORREIA (1960-2008)**

Conceição do Coité surgiu em meados de 1612, com característica de um cenário nordestino, quando os Guedes de Brito abriram estradas estabelecendo ligação entre Salvador ao alto sertão do São Francisco e a região do Piauí, facilitando o trânsito das boiadas, e descanso dos viajantes. Por meio disso foi crescendo com traço do sertão, entrelaçado com os costumes dos portugueses e da crença dos africanos.

Os relatos de memorialistas e o jornal o Coiteense contam que a origem do nome deu-se através da árvore cuitezeira que tinha do lado da capela.

Em terras doadas pelo benemérito João Benevides, foi edificada uma capela a Nossa Senhora da Conceição. Nas proximidades do local de edificação havia uma árvore da família das bignoniáceas denominada “cuité”. Com a criação da freguesia, por meio da resolução provincial de 9 de maio de 1855, e a invocação de Nossa Senhora da Conceição, o complemento teria que ser, obviamente “Coité”, passando o povoado a denominar-se Conceição do Coité. (O COITEENSE, JORNAL SEMANAL, 1968, p. 2)

Daí tem a origem do nome, que aludimos ao mundo religioso, relacionado à cultura europeia e a árvore, já que a região estava repleta de cuitezeira. É relevante falar um pouco sobre os benefícios da planta e principalmente o fruto.

A árvore cuité oferece sombra, abrigo para viajantes, o fruto que depois de seco é conhecido como cabaça, e pode ser utilizado como utensílio doméstico tanto para comer e beber e outras utilidades conforme a necessidade de cada pessoa, e como instrumento musical. O que representa os costumes afros brasileiro, no quesito de artesanato, utilizando o que a natureza oferece para beneficiar-se economicamente.

A economia coiteense não fugiu dos modos arcaicos, baseado na agricultura, e no trabalho rural tendo a planta sisal, como a principal fonte de renda para a população, no ano de 1968, a produção da fibra deu um salto o que favoreceu aos grandes proprietários do sisal. O jornal coiteense retrata o auge do plantio.

A área coberta do sisal é aproximadamente 35.872 hectares (72 milhões de plantas), o que corresponde a 32% do território. A produção de fibra em 1968, girou em torno de 13.000 toneladas, tendo sido estimado num valor comercial NCr\$ 2.860.000,00, o que contribuiu com a maior parcela na formação da renda interna. (O COITEENSE, JORNAL SEMANAL, 1968, p. 3).

Ainda no setor econômico, em Conceição do Coité, temos a criação de bovinos também contamos com o plantio do feijão, milho e mandioca. No povoado de Correia o plantio da mandioca predomina, assim como o feijão, entre outros alimentos.

O povoado de Correia é uma localidade pertencente ao Município de Conceição do Coité a 3 km de distância da sede. Nas circunvizinhanças encontra-se o povoado da Pinda, quebradinha e o povoado sitio I e sitio II, até meados de 2008, Correia contava com aproximadamente 320 moradores, o setor econômico gira em torno da agricultura, principalmente no plantio de mandioca, o líder comunitário juntamente com os associados, procuram manter estruturada a casa de farinha, espaço onde a raiz da mandioca passa por todo o processo de consumo, o processamento da mandioca até os dias atuais segue os métodos tradicionais, herdados dos indígenas. A Casa de Farinha tem grande importância para os moradores assim como o Centro Comunitário, que é fundamental para o crescimento da localidade.

Conceição do Coité está situada na zona fisiográfica do Nordeste, com uma área de 1.121 km, está incluso no polígono das secas. A religião predominante é o Cristianismo, temos também o Candomblé entrelaçado com o Catolicismo.

O Catolicismo em Coité, podemos considerar que surgiu em meados de 1855 quando Sr. João Benevides fez a doação de terras para a construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição, a expectativa era vivenciar a fé Católica dentro da Igreja, com muita missa, e adoração, porém, a religião foi marcada por um Catolicismo devocional, de fato as pessoas tinham costume de rezar o ofício e o terço nas suas residências. Em 2008 a oração do terço ganhou um novo público, os homens, e esse movimento atingiu vários povoados.

O terço dos homens em Conceição do Coité foi criado em 2008, o evento religioso estendeu-se para os povoados, com a finalidade de trazer pessoas do sexo masculino para o campo sagrado e ensinar a não ter vergonha de estar dentro do mundo religioso, já que vivemos em um mundo machista, que define os espaços que cada pessoa deve estar. Diante disso, o terço é uma corrente com várias pedras e cada uma delas deve rezar uma oração, com o terço, os religiosos rezam a oração da misericórdia para que eles cresçam espiritualmente, a oração pode ser rezada em grupos ou apenas por uma pessoa.

A oração do rosário é a repetição de várias orações, o que facilitar os cristãos a vivenciar o cristianismo sem a presença de um padre, o que chamamos de cristianismo devocional, que é praticado pelo método decorativo, o que facilita as

pessoas a praticar o catolicismo, dentro das suas casas e sem a presença de um padre.

O Cristianismo em Coité em meados de 1860 foi marcado pela carência de missas, e sem a presença do pároco, dado que a chegada do Pe. Marcolino Madureira foi em 1869, não encontramos informações no livro do tombo sobre a chegada do padre.

Conseguimos decifrar no livro do tombo sobre a chegada do pároco Antonio Taraschi em 1968, mas não fala<sup>1</sup> como ocorreu a relação do pároco com os fiéis, como era a participação das pessoas nas missas, já que anteriormente não existia esse momento de reunir todos na Capela.

Vale pontuar que as atividades eclesíásticas com a presença do vigário centravam na Igreja, principalmente nos festejos religiosos mais importantes, como a Semana Santa, e a festa da Nossa Senhora da Conceição, que se inicia no final de novembro, e finaliza no dia 8 de dezembro, nesses períodos todos os missionários se dedicam para acolher toda a população Coiteense da sede e da zona rural, os políticos estavam presente para festejar, sendo mais um espaço de relacionamentos eleitorais.

## 1.1 Candomblé

Segundo Couto, o candomblé é uma religião monoteísta que acredita em um único Deus, e que precisa dos orixás como um meio de mediação.

O candomblé é uma religião monoteísta. Acredita-se num Deus único, supremo, criador de todos os seres do Ayê (terra), chamado Olorum. No entanto existe um sistema de mediação pelo qual Deus se comunica com os homens por intermediários e auxiliares: os orixás (COUTO, 2004, p. 128).

Nesse aspecto percebemos a semelhança entre as religiões, os cristãos buscam os santos para fazer seus pedidos, e os povos de origem africana intercede pelos seus guias de luz, as datas comemorativas também dialogam com a data que homenageiam os santos católicos e os Orixás, e cada religião traz um sentido especial para a população, o Cristianismo a salvação depois da morte, e o Candomblé viverem bem na terra, quando tudo estiver dando errado na vida procure um sacerdote.

---

<sup>1</sup> Cheguei nesta freguesia, provavelmente meados de janeiro, a mandado do superior dos Padres vocacionistas, no dia 5 de março 1968, o padre Antonio Rocha da congregação dos padres vocacionarista, para exercer a função de Pároco desta freguesia.

A relação profissional com os sacerdotes ocorre pela busca da cura, seja ela espiritual, ou a doença material, assim como Fonseca aborda: “A busca pela cura é um dos principais motivos que levam as pessoas a recorrerem às religiões afro-brasileiras” (FONSECA, 2017, p. 68).

As doenças espirituais são curadas através do ritual do Boris, os rituais são feitos quando os consulentes precisam de proteção para enfrentar os desafios da vida, os rituais ocorrem com o propósito de proteger e preparar uma pessoa. Fonseca faz uma discussão ao Boris.

O bori, ritual próprios dos candomblés de nação, deriva das palavras em ioruba ebó e ori-sacrifício e cabeça. Este consiste em uma oferenda à cabeça, “dar comida à cabeça da pessoa que busca auxílio na religião, e submete ao rito com intuito de acalmá-la é assim recompor suas energias para enfrentar a vida e os problemas, sob proteção dos orixás” (FONSECA, 2017, p. 68).

Quando o problema de saúde é material, problema esse que a medicina científica é capacitada para resolver, os sacerdotes utilizavam as folhas para trazer a saúde para o enfermo, o que chamamos de medicina popular. Os problemas de saúde restaurados pelas plantas medicinais são: derrame, doença denominada cientificamente como: acidente vascular cerebral (AVC), diabetes, fogo selvagem, encosto, ferimentos casos dermatológico na pele, depressão, entre outras doenças, os sacerdotes, preparam as beberagens, as garrafadas feitas de folhas e o interessante é que eles sabem exatamente a quantidade de folhas que devem ser colocada nas garrafadas e a dosagem que cada consulente deve tomar devido ao problema de saúde.

As rezadeiras dispunham da sabedoria de solucionar o problema como mal olhado e vento caído, preparam xaropes para tosse. Esses problemas citados, incumbidos de serem tratados pelas rezadeiras, os sacerdotes também estavam encarregados para tratá-las.

De acordo com a autora Emanuela Bethania Santana da Fonseca, em Jacobina havia separação no processo de cura entre os babalorixás e as benzedadeiras.

Os curandeiros, eram incumbidos de curar doenças como depressão, loucura, epilepsia, problemas de santo - quando havia necessidade iniciação consulente nos cultos afro-brasileiros – encostos, doenças ginecológicas, como miomas e cistos, entre outras. As rezadeiras tinham capacidade de curar doenças como, erisipela, folgo selvagem, mal olhado, dores de cabeça e de dente, espinhela caída, vento caído, torção no pé, derrame, verminose, gripe, sinusite, problemas digestivos, etc. (FONSECA, 2017, p. 119).

Na citação a autora aborda a divisão de trabalhos entre os agentes de cura em Jacobina. As rezadeiras estavam destinadas a trabalharem buscando as orações, e utilizando as folhas, já os sacerdotes eram procurados para resolver os problemas que necessitava dos jogos de búzios ou cartas, para assim saber os enigmas que causava danos à saúde, e daí passar pelo processo de iniciação, especificamente passar pelos rituais afros.

Em Conceição do Coité e nos povoados existiram os sacerdotes, e são capacitados para solucionar problemas do simples aos mais delicados, já as benzedadeiras designadas para tratamentos mais simples, as mesmas se asseguram nas rezas católicas intercedem os Santos Católicos, algumas invocam orixás, diante disso notamos o sincretismo religioso. Fonseca traz trechos de entrevistas feitos com os agentes de cura, e relata sobre a mistura de invocação e a mistura de reza, no momento da benzeção:

A oração utilizada por Ana Maria durante a benzeção, inicia-se com a invocação a vários santos católicos, dos quais ela é devota, e a ogum seu orixá de frente e primeiro a ser aclamado. Depois, ela reza uma jaculatória seguida do Pai-Nosso, Ave-Maria, e Pai Nosso Pequenininho, oração disseminada no catolicismo devocional. Por fim, ela encerra a benzeção com a jaculatória – “Com Deus tu se deita, com Deus tu se alevanta” bastante comum entre as jaculatórias utilizadas nas benzeção e que ao longo de gerações sofreram algumas transformações tanto perdendo quanto ganhando novos elementos a exemplo da variante, “Com dois de botaram, com três te tiro” (FONSECA, 2017, p. 122).

Através da oração, podemos perceber que o mundo religioso afro, possuía ligação com o Catolicismo, isso ocorreu desde o período da conversão dos afrodescendentes, e sobre a mistura de costumes, tudo se iniciou após os colonizadores desejarem expandir a religião Católica, nessa perspectiva com o propósito de ampliar o Catolicismo, era necessário catequizar os povos de origem africana, mas para obter sucesso na conversão era preciso tolerar alguns costumes para depois tirar lentamente. Devido este encontro, muitas vezes não amigável, pessoas tornaram-se devotas dos Santos Católicos, sem deixar de apelar para os Orixás. Edilece Couto possui estudos que abordam este sincretismo religioso.

Acredita-se que o sucesso da evangelização seria alcançado por meio da adaptação cultural. Era preciso “permitir” e “tolerar” determinadas práticas religiosas do povo conquistado, fazer desaparecer lentamente, substituir o culto dos antigos deuses pela devoção à Santíssima Trindade e aos Santos (COUTO, 2004, p. 49).

Essa atitude favoreceu o sincretismo religioso, para, além disso, a formação de dupla identidade como discute Stuart Hall.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

As pessoas com a sociedade passando pela trajetória progressista tiveram que mudar determinados comportamentos, e tudo isso ocorreu não só com a construção da civilização, mas também durante o período da escravidão que existiu no Brasil, sendo que o Catolicismo foi imposto brutalmente aos povos oriundos da África, mas a imposição não permitiu que os mesmos abandonassem seus hábitos, o que ocorreu foi à mistura de crenças, sendo assim influenciou na construção de novas identidades, formando sujeitos fragmentados, diante disso encontramos sempre pessoas adeptas ao Candomblé, porém que se definem católica.

Acredita-se que os africanos abraçaram a religião Católica sem abandonar o ritual africano, talvez com estratégias para fugir das perseguições essa indefinição serviu para que a religião dos afrodescendentes aos poucos fosse perdendo a pureza. De acordo com Edilece Couto, a interação entre os dois mundos religiosos, tornou prejudicial, pois os negros e mestiços, compreendia mal o culto Católico.

Segundo o autor, a equivalência entre seus auxiliares das duas religiões dava a ilusão de conversão católica, mas os negros, sem renunciar aos orixás, tinham uma profunda devoção pelos santos. Afirma ainda que era possível observar uma pessoa ter o mesmo fervor religioso ao participar, em momentos distintos dos dois cultos (COUTO, 2004, p. 51).

O objetivo era tolerar os costumes e ritos das religiões de matrizes africanas para depois apresentá-las como impuras e ineficazes. Deste encontro, temos, por exemplo, a lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim em Salvador que é realizada por baianas, elas jogam água nas escadas da Igreja Católica em forma de agradecimento ao orixá oxalá, a lavagem é feita ao som de cântico africano. Nem sempre foi bem aceita até porque a lavagem feita com água de cheiro acontecia no interior, mas por intolerância religiosa as baianas foram impedidas de lavar, porém não houve tanto efeito já que as mulheres se encarregaram de lavar as escadas. Em Conceição do Coité, na década de 1980 temos o Reisado de Cabaceiras, uma festa, o qual os

homens e mulheres que sambam prestam homenagem à festa de Reis no dia 25 de dezembro, na Praça da Igreja, as pessoas se reuniam na Praça da Matriz para prestigiarem a missa e os festejos católicos.

Conforme informou o interlocutor Geraldo Henrique das Mercês: Sempre tivemos o apoio porque a praça da matriz, pertence a paróquia. E o padre os padres não só Elias mais os demais padres pediu que houvesse a divulgação e tal e tal da zona rural do município (BRITO, 2016, p.144).

É importante pensar que os Católicos, assim como os Candomblecistas valorizam a presença de um público, pois seus eventos não são isolados, Edilece Souza Couto possui estudos que abordam essa questão da sociabilidade nos momentos festivos do cristianismo, assim como a religião de matriz africana promove a sociabilidade e para, além disso, possui relação com o campo político, econômico e social.

Apesar de se revelar especial e diferente do calendário profano, também não é um evento isolado, pois quebra o ritmo regular do cotidiano promove a sociabilidade, e o sentimento de pertencimento e identidade em um determinado grupo social, além disso, possui intrínsecas relações com os aspectos políticos econômicos e sociais (COUTO, 2008, p. 2).

Couto faz um balanço historiográfico e enfatiza que os festejos requerem a participação da sociedade, por questões financeiras, já que as comemorações são planejadas, e custeadas, também deseja à participação coletiva da população isso ocorre de uma forma hierarquizada já que cada classe social ou indivíduo está posicionado a ocupar um determinado espaço nos momentos festivos.

O autor conclui que, apesar das inúmeras interpretações que se possa dar festa e um ato coletivo que implica uma determinada estrutura social de produção. É preparada, custeada, planejada e montada segundo regras elaboradas no interior da vida cotidiana; envolve a participação coletiva na sociedade em seu conjunto ou grupos nos quais os participantes ocupam lugares distintos e específicos (COUTO, 2008, p. 3).

Embora os festejos desenvolva a pirâmide dos participantes, mesmo com essa característica a festa religiosa em si desenvolve o espírito de união, harmonia, a alegria e, além disso, também o espírito de esperança, todos os sentimentos que contrapõe o cotidiano assim como observa Candido da Costa Silva que define a festa uma celebração, inspiração, diante disso o autor fala sobre 25 de dezembro, o Natal que é o período que se comemora o nascimento de Cristo, nesse período as pessoas celebram o amor, compaixão, a reconciliação, e união, enfim a bondade. Para Candido da Silva, o Natal é a dimensão festiva, em todos os lugares festejam tudo

pode acontecer a paz, mas também a desavença diante disso o Candido da Silva titula o tópico 4.2 “onde a festa é Natal”, pois a festa em si é alegria, união, é a mistura do sagrado e profano.

A missa de meia-noite celebrei na capela de queimadas onde reinou o mais perfeito e absoluto respeito sem tocar o realejo se quer. Dahi voltei de madrugada para aqui, onde havia o Natal com sambas, danças, cabarés e até sangue derramado. (SILVA, 1982, p. 72).

Conforme Candido Silva descreve a festa seja natalina ou outro festejo, reúne vários grupos e cada grupo celebra do seu jeito. Pois a festa é esperança, alegria é a união de diversos grupos, o importante é a comemoração.

## **1.2 Terreiro: espaço de relação social**

Nos Terreiros de Candomblé tudo é motivo de festa, para o iniciado, também para agradar o orixá de frente, embora as comemorações centram-se na comida, o alimento e a dança são os pontos chave de todo ritual, seja para celebrar ou para oferenda. Este conjunto de hábitos agregam propósitos, e um deles é a resistência, e o fortalecimento do povo afro-brasileiro.

O terreiro é o espaço que os povos de origem africana transformaram na sua África, ou quilombo, o ambiente de viver em comunidade, de olhar o outro como irmão, local de ensinamentos, de praticar rituais de cura, de cultivo, de plantas medicinais, que exercem o papel terapêutico.

Fonseca possui estudos que relata sobre planta curativa que se encontra presente no quintal das casas. As plantas são cultivadas com a finalidade terapêutica, percebam que os ensinamentos passados pelos povos ancestrais africanos são valorizados e representados pela sociedade. A autora Emanuela Fonseca discute sobre os saberes medicinais entre os anos 1976-1988 que são passados pela oralidade pelos povos ancestrais:

Diversos quintais possuem plantas para alimentação, ervas medicinais ou usos diversos, o que torna interessante uma leitura do papel da etnobotânica desses espaços para a sobrevivência e a vivência de saberes sobre a saúde, gestão de áreas de risco, e da biodiversidade, em outras matrizes culturais, que não só a europeia. Os saberes produzidos e guardados pela memória, reproduzidos pela oralidade, dão significação aos espaços dos quintais e das plantas neles inseridas (FONSECA, 2017, p. 114).

Os quintais representam a oralidade, o cultivo das ervas predomina pelas donas de casas, de acordo com Julio Braga os quintais era verdadeiramente a farmácia da pobreza, pelo fato de serem medicamentos que todas as pessoas humildem tem acesso seja no seu quintal ou no espaço do vizinho.

Elas são verdadeiras farmácias da pobreza. E não se creia que pais e mães-de-santos prescrevessem ou prescrevam outras plantas que não fossem, quase sempre, do conhecimento da população, quando atendem a uma clientela carente de assistência dos poderes públicos (BRAGA, 1995, p. 150).

É evidente o ato de solidariedade que os agentes de cura tinham para com a sua clientela, no quesito de traçar medicação que estivesse aos seus alcances, já que as mesmas tinham dificuldades de terem acesso aos setores públicos e privados. E por essas dificuldades apresentadas, os sacerdotes estavam incumbidos de prescrever medicações que estavam presentes nos quintais, e é importante pontuar que nos povoados chamam o espaço das suas casas de terreiro e não de quintal. Percebam que os saberes e os hábitos da religião afro-brasileira dominam. Talvez seja fruto de ensinamentos, nos terreiros de candomblé.

### **1.3 Religiosidade e política**

Dentro disso é pertinente mapear as práticas culturais de Coité, começando pelos anos de 1967 a 1970. Com base no jornal O Coiteense é notório que a elite estava seguindo o modelo europeu, em virtude de valorizar a festa da Padroeira.

No decorrer da primeira semana de dezembro, é celebrada a festa de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da Cidade, com novenas, quermesses e festejos em cada noite. Encerrando-se no dia 8 de dezembro, com missa solene e procissão. Reveste-se de brilhar de brilho invulgar dentro do ritual católico (O COITEENSE, JORNAL SEMANAL, 1968, p. 4).

Nesse ponto é considerável pensar que a Igreja possuía ligação com a política local já que se institui e era homenageada pelo partido político (PDS), Partido Democrático Social que liderou por muitos anos, e recebia assistência, além disso, é notório o quanto os prefeitos buscam está dentro da Igreja no tempo da eleição, utilizam do discurso religioso, e praticam caridade que estão dentro do contexto Católico. Muitos políticos buscam aliança com os padres para angariar força na carreira política, e a igreja para adquirir privilégios, tanto no quesito financeiro, e nos destaques perante a sociedade, não é visto político que se definam Candomblecistas.

Retomando as práticas culturais em 1967 e 1970, o desfile de 21 de setembro, também entra na cultura da cidade, assim como o teatro, o futebol, também era exaltado pelo jornal, o micareme era marcado como festa de pessoas incomum, já que acolhia os subalternos e adeptos do Candomblé.

É tradicional a “micareta” que se realiza do Domingo de Páscoa e terça-feira, congregando multidão incomum. Batucadas, Trios Elétricos, Cordões fazem transbordar o entusiasmo do carnaval de rua, enquanto nos clubes a sociedade coiteense tem noites de alegria incontida. E considerada uma das melhores “micareta” do interior baiano.

No decorrer da primeira semana de dezembro, é celebrada a N. S. da Conceição, padroeira da cidade, com novenas, quermesses e festejos em cada noite. Encerrando-se no dia 8 de dezembro, com missa solene e procissão. Reveste-se de brilho invulgar dentro do ritual católico.

Não menos tradicional, é a festa da primavera, realizada em data de 21 de setembro, onde merece destaque o esplendor dos competitivos desfiles (O COITEENSE, JORNAL SEMANAL, 1968, p. 4).

É explícito que Coité desenvolveu-se com influência do Catolicismo, carregando a ideologia da Coroa Portuguesa, no campo da economia, na religiosidade, e a intolerância religiosa. Os bons costumes, as melhores festas estavam repletas de adereços dos Portugueses.

A micareta estava inclusa nas festas, mas retrata que era uma festa para público incomum, por ser um evento com batuques, e muita agitação, nessa situação é notório o preconceito para com os povos que não fazia parte da cultura culta, e não possuía bons costumes para transitar no centro da cidade que se encontrava moderna para ser bem-visto pela elite.

No jornal O Coiteense no governo do prefeito Theógenes Antônio Calixto, especificamente em meados dos anos 60, o gestor priorizou a modernidade, as ruas pavimentadas, com jardins nas praças, a construção da Fonte Luminosa foi bastante elogiada no período, destacou o comércio local, as exportações dos produtos manufaturados do sisal, o serviço telefônico e a iluminação, deixando de fora as barracas no centro da cidade, e o espaço rural.

A cidade apresenta um aspecto agradável com modernas residências. Está quase que totalmente pavimentada de paralelepípedos. Jardins na Praça Dr. J. J. Seabra, Praça Madureira, Rua João Benevides, Praça da Matriz (sofrendo remodelação que terá a fonte luminosa, e luz a mercúrio) fonte luminosa em construção na praça José Carneiro.

Áreas loteadas em franco período de edificações comprovam a sua ostensiva tendência de expansão urbana.

Apresenta razoável índice de população, estimada em 6.500 habitantes, sendo que no município residem 34.000 pessoas.

Há 113 estabelecimentos varejistas e 11 atacadistas, constituindo centro de convergências das atividades comerciais das cidades circunvizinhas. O

comercio local desenvolve, também, suas transações, em ritmo intensivo, com as praças de Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo horizonte para as quais exporta produtos manufaturados do sisal. Possui serviço telefônico com 80 aparelhos em perfeito funcionamento e iluminação a mercúrio que completam êsses importantes aspectos (O COITEENSE, JORNAL SEMANAL. 1968, p. 3).

O propósito era divulgar e expandir a cultura com características da alta sociedade, a historiadora Edilece Couto aborda na sua pesquisa que entre os anos 1860-1940 que a elite e os políticos após a separação da Igreja com o Estado preocuparam-se com a civilização criando hospitais e praças.

Os políticos baianos estavam entusiasmados com os ideais de progresso e civilização, preocupando-se com os problemas sociais, criando hospitais e outras associações de socorro à população. Era importante transformar Salvador numa capital moderna, desapegada dos valores tradicionais (COUTO, 2004, p. 62).

Em Conceição do Coité o partido político a elite também procurou modernizar a cidade, em busca da civilização, com o propósito de imitar as grandes cidades.

Sabemos também que os Candomblecistas praticam a cura através das ervas e reza, diante disso, com os hospitais era preciso ter paciente para que os médicos pudessem atender, porém era preciso afastar do centro da cidade os sacerdotes, e as práticas terapêuticas.

O ogan falecido em 1998, com 84 anos, recordava com emoção o episódio da “reunião” de médicos com a finalidade de “mandar” a polícia prender Mãe Judith por causa de seus conhecimentos da “flora medicinal”.  
 Todavia, as relações entre os “agentes legais” da saúde e os curandeiros eram ainda mais complexas. Se, por um lado, temos indícios de perseguições contra os curandeiros motivadas por articulações dos médicos, por outro lado, também temos pistas de outras ligações entre farmacêuticos e curandeiros. Assim, Dona Lica, “sobrinha de criação” de Mãe Judith, lembrou dos remédios feitos pela mãe-de-santo (SANTOS, 2009, p. 107).

Perceba que a perseguição era para obter privilégios e está com o controle de tudo na sociedade, os costumes africanos, representado pelos sambas, batuques, o Candomblé e a capoeira, deveriam ser afastados do espaço do progresso.

A classe dominante desqualificava os negros, os mesmos eram considerados como alcoólatras, vadios e feiticeiros, os brancos tinha o poder nas mãos, para discriminar a cultura dos pretos uma delas era o Padre que utilizava o Candomblé como tema dominical, tudo isso para engrandecer o Catolicismo e desqualificar os negros Edmar Ferreira aborda essa questão.

O sermão de um padre poderia ser o palco da disseminação de tais valores e práticas discriminatórias. Em visita à cidade de São Félix, o padre

missionário Pedro Rocha transformou os candomblés em tema de sua prédica dominical. O sacerdote “divagou” sobre os candomblés, utilizando um texto que os caracterizava como “antros de misérias e torpezas inomináveis” com suas “negras e funestas feitiçarias” (SANTOS, 2009, p. 39).

As missas dominicais celebradas pelo Padre Luiz em 1989, estavam sempre pautadas a aconselhar as pessoas, a não frequentar lugares que segundo o cristianismo iam contra os mandamentos de Deus. Não conseguimos ter acesso ao jornal mensageiro que aborta os temas dominicais, mais no livro do tombo aparece os temas da festa da padroeira: “Com o tema, Maria, a igreja e as profecias a festa da padroeira foi organizada mais uma vez, por conta da situação da seca foi reduzida a despesa da festa na sua programação” (Livro do tombo, 1993, p. 88).

Retomando ao assunto, podemos perceber que os colonizadores desejavam continuar controlando os negros, impondo sua cultura, e desejando está no topo da pirâmide. Mas eles também foram resistentes, no mesmo espaço que passava por represália, também mostrava a suas tradições.

Aproveitavam a comemoração Católica que não é isolada para divulgar seus costumes principalmente no quesito alimentício, era natural na Praça da Igreja ter barracas de acarajé com as mulheres usando o turbante, usando correntes, e brincos e com vestidos brancos cheios de babados, encontra pessoas bebendo, jogando o que retrata que os devotos do caboclo estavam resistindo ao preconceito para com sua religiosidade eles não abandonaram a sua cultura, sabemos que o Catolicismo tentou tirar de uma maneira lenta a cultura da magia, feitiçaria, o jogo de cartas e as oferendas aos orixás, entre outros rituais. Mas eles aproveitavam os festejos Católicos para mostrar os seus costumes a maneira de se divertir. “A pesquisadora ressaltou que negros e índios aproveitam as brechas de tais festividades para imprimir seus traços culturais, recriando seus mitos, músicas, danças e reproduzir suas hierarquias” (COUTO, 2008, p. 4).

Diante disso, o Catolicismo brasileiro sofreu transformações para agradar ao público afro, e toda a sociedade dentro disso os devotos do caboclo aproveita para impor suas tradições.

Em 1936, em Coité foi criado leis para frear a presença dos costumes oriundos das religiões de matrizes africanas, que passaram a ser marginalizado pelo grupo dominante, ao ponto de ser fiscalizado no centro da cidade, sendo proibido as suas festas sem o alvará de licença da Prefeitura conforme foi criada a lei no livro de código de posturas.

Art. 40 - É terminantemente proibido os sambas, cantorias ou brincadeiras que possam perturbar o sossego público desta Villa e arraiais até 12 horas excepto em as noites de Natal e Anno Bom e Reis que poderá haver taes diversos até as 2 horas da manhã mediante licença prévia da prefeitura sob pena de multa de 10\$00 e a obrigação de dissolver incontinentemente a dita diversão (Código de posturas, p. 20).

O código de posturas também foi criado em Jacobina de acordo com Emanuele Fonseca, em 1933, o poder público prontificou a moldá-los os hábitos culturais locais, proibindo manifestações religiosas, batuques, e sambas, os costumes que ia contra a civilização, e segundo a autora houve confronto o que levou a elite punir a população que fugisse das leis:

A partir do Código de Posturas Municipal de 1933, pôde-se perceber os esforços desempenhados pelo poder público, no intuito de normatizar os costumes locais e moldá-los conforme os padrões civilizatórios da época. Alguns hábitos comuns entre a população, como lavar roupas, e tomar banho nos rios, estender roupas nos passeios públicos, criar gados, equinos, caprinos e suínos soltos nas ruas da cidade, ou aglomerações de pessoas consideradas desocupadas nas portas de estabelecimentos comerciais foram proibidos. As inovações propostas pelos grupos dominantes às camadas populares geravam muitas vezes conflitos, estando esses últimos, conscientes no sentido de resistir aos padrões impostos pelos grupos dominantes (FONSECA, 2017, p. 22).

Perceba que a população punida pelos seus costumes não aceitava as regras postas pela elite, Fonseca fala de resistência, mas não esclarece as táticas de enfrentamento. De fato, os povos candomblecistas permaneceram firmes em povoados.

Apesar de não ter um mapeamento dos terreiros ou dados sobre o número de praticantes das religiões afro-brasileiras em Jacobina naquele período, a partir da explícita proibição dessas manifestações no referido documento municipal, é possível supor que estas não só existiam com um número considerável de adeptos, como incomodavam pelo menos parte da camada sociais dominantes da sociedade jacobinense (FONSECA, 2017, p. 22).

A perseguição para com os povos afros é nítida, apontam que os festejos podiam ser realizados sob a licença do alvará diante dessa perspectiva não encontramos registro de alvará, talvez o mesmo não tenha sido solicitado pelos curandeiros ou os mesmos optaram a festejar na zona rural, para fugir da perseguição dos dominantes, ou como estratégias para não atrair atenção das autoridades, já que os sambas, as oferendas aos orixás causavam incomodo para elite, e a cultura dos negros não era considerada civilizada para estar no meio urbano, não encontramos código de posturas referente aos anos de 1960 a 2008, talvez não fizesse tanto efeito os artigos de postura.

Existem terreiros em alguns povoados, talvez isso seja uma tática de resistência às perseguições políticas, já que o barracão passou a ser elo de manutenção e identidade:

De acordo com pares, a intensa proliferação de terreiros no pós-abolição acaba servindo de suporte de apoio a população de cor. Os terreiros acabam sendo um elo de manutenção de identidade étnica e cultural diferenciada, espaços de sociabilidade alternativos (NUNES, 2017, p. 140).

Como citei no início do texto, os terreiros serviram de suporte de resistência, na Correia existe um inchaço de barracões e todos eles se encontram próximos às casas, sabe que o terreiro é o campo de refúgio, de liberdade de expressão já que nesse espaço eles vivenciam toda a sua cultura africanizada, além de ser a área de trabalho e comercialização das ervas medicinais, e o local das consultas através de búzios e cartas, onde ocorre todo processo de ritual para oferecer aos orixás, toda a movimentação ritualista acontece na zona rural nos barracões, já que não era permitido no espaço urbano.

Na tese Folia de Reisado de Cabaceiras (Conceição do Coité) (1965-2005) outro livro de código de postura reeditado por Orlando Matos Barreto no século XIX, que fica proibido os lundus e samba nos povoados.

Postura nº 33 - É proibido espetáculo público pelas ruas e praças d "esta Villa seos povoados sem prévio consentimento da Itendência e de seos fiscais nos demais povoados; pena 5\$000 de multa ou 5 dias de prisão. Postura nº34- ficção proibidas as vozerias nas ruas em hora de silencio, injurias e obscenidades contra o moral público e qual quer pintura ou letreiros nas paredes das cazas ou muros, sob pena de 5\$000 de multa ou 5 dias de prisão. Postura nº35- Fica igualmente prohibidos sambas e lundus n "esta Villa e seos povoados sem licença da authoritydade policial, ficando responsáveis pelo menos os donos das cazas onde eles tiveram lugar sob pena de 10\$000 de multa ou 8 dias de prisão e o dobro na reincidência. Postura nº36- É rigorosamente prohibido o brinquedo de entrudo; os contraventores incorrerão na pena de 5\$000 ou 5 dias de prisão (CÓDIGO..., 2007, p. 115).

Não encontramos fontes que retrate perseguições de policiais em povoados da cidade. Vale pontuar que, a fiscalização no centro da cidade era persistente, como retrata a citação, era proibidas gritarias, e algazarras e, dentro disso, a lei criada para afastar os costumes dos descendentes africanos aterrorizou a população, eles não se sentem seguro em frequentar casas curandeiros no espaço urbano até mesmo os donos de barrocões aderiu o receio de praticar seus rituais na cidade, a venda dos seus adereços como os perfumes, banhos, tudo era muito sigiloso. O samba de roda

é ridicularizado, batuques não eram viáveis no centro de Coité, tudo isso, fruto do processo de modernização na década de 60 e isso ocorrem em todo Estado da Bahia.

Essa situação não foi diferente no Estado da Bahia, onde práticas religiosas de matrizes africanas foram rejeitadas sob alegação de que eram feitiçaria e, sendo assim, deveriam ser afastadas de um meio social que estava arraigado por um modelo de civilização ocidental (NUNES, 2017, p. 72).

Os dominantes consideravam a cultura dos povos afros pecaminosa, em virtude disso, a gestão política encarregou-se de pôr limites em tudo isso que ocorreu dificultou a vida dos Candomblecistas, já que a rejeição enfraqueceu os direitos dos mesmos intervirem diretamente no meio político, por serem consideradas as pessoas responsáveis pelos costumes bárbaros e incomuns.

A princípio, a alta sociedade coiteense estava em busca da civilização e almejava limpar tudo que não caracterizava ser referência, diante disso, havia evidentemente, no comportamento dos pobres, traços que não definia como pessoa culta de cunho moral, as manifestações, os modos de se relacionar estavam longe de agradar espaço urbano, para limpar os maus costumes, assim como outros lugares que seguiu os padrões de urbanizar e almejava limpar as impurezas já que praticar o bem estava dentro do contexto de modernizar.

## CAPÍTULO 2 – O CANDOMBLÉ E A MEDICINA POPULAR

Com base nos estudos de Emanuela Fonseca podemos considerar que a cultura afro-brasileira, devido à ausência de assistência social para os subalternos a religião se responsabilizou para solucionar os problemas de saúde, através das plantas medicinais, costume herdado dos ancestrais e dos povos escravizados no Brasil, que também sofreram por falta do assistencialismo social, sendo assim, tiveram que se haver com o que a natureza oferecia, pois era o que estava ao alcance dos mesmos.

Ao conversar com a Sra. P, em sua residência no povoado do Correia, ela lembra vagamente das atitudes da sua avó em relação as plantas medicinais: “Minha vó dizia assim minha fia essa árvore aqui serve para tal coisa, hoje em dia quando me lembro vou lá pego faço um chá e tomo. Já rezei muito meus meninos hoje é tudo para correr para os médicos” (informação verbal<sup>2</sup>).

A exclusão dos negros e negras incentivou os mesmos a buscarem meios de viver, tanto no campo alimentício, medicinal como também nas diversões, de fato a falta de assistência juntamente com a discriminação racial, transformou os barracões em elo de sociabilidade e assistencialismo sendo o lugar de relações harmoniosas e de ensinamentos e refúgio, pois os barracões tornaram-se o espaço de acolhimento para diversas situações advindas do fruto da segregação racial, oriunda da classe dominante. O escritor Júlio Braga discute sobre a repressão e resistência do candomblé.

O bem coletivo e a saúde pública exigiam a repressão aos “templos da superstição”. E à medida que os “Terreiros” representam o fulcro irradiativo das tradições africanas, o lócus principal de endoculturação das novas gerações e reduto inexpugnável de resistência cultural, seu confinamento, controle e aniquilação foram as soluções encontradas pela elite baiana a fim de impor a honia eurocêntrica, sempre ameaçada pelos ecos dos tambores e fascinada pelas comidas de santo (BRAGA, 1995, p. 15).

De fato, a exclusão incentivou os templos de origem africana a se manterem firmes no Brasil, ordenado por leis, a classe dominante aderiu às características do sistema separatista no quesito de direcionar onde cada sujeito deve estar, diante dessas circunstâncias, os terreiros de Candomblé passaram a ser espaço de relação profissional, de acolhimento amigável, também era o espaço que angariou forças e

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida pela Sra. P. no dia 04 de junho de 2022.

estratégias para manter viva a ancestralidade africana. O autor Júlio Braga reforça que a exclusão trouxe resultado positivo para o grupo, favorecendo o crescimento dos grupos, já que outras pessoas passaram a frequentar os terreiros em sigilo.

Esse distanciamento permitiu que diferentes grupos pudessem se instalar em terrenos e espaços mais apropriados para o culto às divindades afro-brasileiras, estruturando melhor e definitivamente os seus terreiros. É possível até que esse afastamento compulsório tenha desempenhado um papel relevante na preservação da liturgia que podia, assim, ser praticada mais livremente e longe do assédio, muitas vezes indesejado e impertinente, de pessoas estranhas (BRAGA, 1995, p. 31).

## 2.1. Terreiros

Os terreiros encarregados de saberes afro-brasileiro tinham a participação das mulheres, inclusive na culinária, rezas, cantos, e o samba de roda, os preparativos tinha o toque especial feminino. Em conversa com a Sra. P, ela lembra da sua juventude ajudando nos preparativos para o samba: “Os políticos já participou dos terreiros assim de leilão, mais era mais o povo da região mesmo, tinha vez que tinha samba de um jeito que só faltava estourar minhas canelinhas para pegar a água (informação verbal<sup>3</sup>).

As mulheres tiveram um papel essencial na organização do samba, também no momento da festa, encantava os visitantes com o requebrado do corpo, todos se divertiam sem receio e cativava o público, as mulheres sempre boas para cozinhar, atraíam várias pessoas de diversas origens a frequentarem os terreiros no período festivo, a festa afro-brasileira na década de 60 era o único meio de diversão para aqueles que estavam distante da civilização. Diante dessas circunstâncias, a união prevalecia, as pessoas se prontificavam para sair convidando as pessoas para se divertir, assim como lembra a Sra. P.

As pessoas saíam de casa em casa, lá em casa era assim na casa de Vó marcava o samba, vai ser de hoje a oito, aí já mandava convidar o povo ou fulano o samba de hoje a oito, e a reza de setembro tinha a data lá em casa sempre era o derradeiro sábado de setembro todo ano quanto terminava, todo mundo já tava convidado aí quando chegava perto um e a lembrando o outro. Eu já fui em bucado de lugar aí tinha festa com o pessoal que rezava assim que a devoção São Cosme, outros fazia caruruzinho com sete menino sentado no chão, eu participava de muita coisa, participo de Igreja, o importante é a fé em Deus (Informação verbal<sup>4</sup>).

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida pela Sra. P. no dia 04 de junho de 2022.

<sup>4</sup> Entrevista concedida pela Sra. P. no dia 04 de junho de 2022.

Ao conversar com o Sr. P, do Correia, o mesmo se define Católico e nos anos 90 participava dos sambas para se divertir, em 2008 passou a ser membro do terço dos homens, depois da separação do terço dos homens do povoado de Correia com o padroeiro o Sr. P, passou a ser líder da igreja do povoado de quebradilha, o entrevistado defende todas as religiões, para ele o importante é a fé em Deus não importa qual a religião.

A questão de respeitar ambas as religiões representam o respeito para aqueles que cultuam outros deuses. Mas é visto pessoas de liderança religiosa afro-brasileira dizer ser católico, o que nos faz pensar que ser do cristianismo é estar no topo da pirâmide. As estratégias de ser católicos possui a herança da elite dominante, que por encontrar dificuldades em combater as crenças de origem africana permitiu a prática de outros ritos religiosos, mas colocou o cristianismo como a religião oficial<sup>5</sup>, de fato a elite vinha procurando justificativa para perseguição aos candomblés, para ter como a oficial o Cristianismo, mas o apego as crenças afro ganhava força, consideramos que as perseguições, intimidou o grupo candomblecista a ficarem recuados especificamente entre os anos 60 à 20. Diante dessas dificuldades vindas desde o período da escravidão, a elite oficializou o cristianismo como a religião oficial.

O Sr. P, possui recordações que marcaram sua juventude nos barracões e lembra sorrindo dos sambas, na casa de Ana, com base no riso do Sr. P, é notório a alegria em participar das festas: “Eu comecei namorar com ela foi lá no terreiro da vó dela. Ana (risos) era a vó dela sambando dentro de casa e nos sambando lá de fora” (informação verbal<sup>6</sup>).

Através da lembrança citada pelo entrevistado compreendemos que os barrocões, eram espaços de diversões e sociabilidade, também o lugar dos Candomblecistas cumprirem suas obrigações para com os orixás, no povoado pesquisado existe um fetiche por terreiros de Candomblé, também carrega as recordações dos barracões.

O autor Júlio Braga no início do capítulo três fala sobre os terreiros o que é:

O terreiro de candomblé transformou-se em cenário privilegiado a partir do qual se desenvolveu uma grande eficaz rede de solidariedade, capaz de preparar a comunidade para o enfrentamento geralmente indireto, da repressão policial. Esta luta contou com grande número de pessoas de Candomblé que, por razões diversas, se colocaram como fortes aliadas e

---

<sup>5</sup> A carta de 1824 assinalava a liberdade religiosa, mesmo que restritiva.

<sup>6</sup> Entrevista concedida pelo Sr. P. no dia 04 de junho de 2022.

foram de extrema importância no processo de negociação da agressividade policial, quando não conseguiam eliminá-la de todo (BRAGA, 1995, p. 59).

No povoado de Correia também existiu pessoas para defender os terreiros, não se sabe o motivo de se aliarem, por qual razão defendem, de fato o Sr. P. fala um pouco tímido a respeito das idas aos terreiros, não faz um discurso aberto sobre o candomblé, mas não deixa de falar que os terreiros de Candomblé é história, é cultura e não tem receio em participar das cerimônias. “O povo não entende mais que o candomblé é a cultura africana, veio da África” (informação verbal<sup>7</sup>). O Sr. P. mostra respeito aos povos de candomblé, mostra que conhece a sua história.

Os povos de diferentes nações têm sua religião, e seu jeito especial de adorar seu Deus, ou deuses, de fato o que move a religiosidade é a fé, e o Candomblé é a religião dos povos de cor da Bahia celebrada no seu templo, o terreiro, que além de ser o templo sagrado, é o espaço festivo também.

Conversando com a Sra. E., a mesma é simpatizante do Candomblé e recorda do grupo de amigos que ia festejar os sambas, com alegria.

Eu não tinha vergonha, ninguém queria dizer que ia para fazer consulta, pra não deixar as pessoas de fora saber da vida, mais no dia que tinha samba todo mundo ia, o povo falava hoje vai ter um samba na casa de tal aí a gente ia de pé, saia cedo e voltava de madrugada era divertido ia homem, mulher para ver o samba (informação verbal<sup>8</sup>).

Veja que o samba foi marcado pela entrevistada como um meio de divertimento, além disso, as idas aos sambas não traziam problemas para sua imagem, o samba no terreiro naquele período era a diversão, o acolhimento amigável a África redescoberta no Brasil, como diz Júlio Braga.

Para tanto, tem existido ao longo do tempo, no interior desses terreiros, uma intencionalidade permanente de se ter a África redescoberta e qualificada como mercado produtor de símbolos sagrados capazes de preencher os vazios deixados com a fragmentação do saber religioso trazido para o Brasil (BRAGA, 1995, p. 39).

O terreiro é o espaço que cura as lacunas deixadas pela partilha do saber sagrado, vindo para o Brasil, onde encontramos a pureza africana, onde os povos de cor na década dos anos 60 ao início do ano 20 as pessoas se sentiam bem e acolhidas entre si.

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida pelo Sr. P. no dia 04 de junho de 2022.

<sup>8</sup> Entrevista concedida pela Sra. E. no dia 15 de maio de 2022.

## 2.2. Candomblé: e a identidade do negro

O Candomblé é uma religião de matriz africana, que faz parte da história do nosso país, no período da escravidão no Brasil, cheio de simbolismo que carrega a engrenagem sagrada, é complexa, entretanto, tornou-se elo de resistência para os escravizados, que se perpetuou após o fim do regime escravista como estratégias de resistência podem considerar que o Candomblé não é apenas a religião, mas é um sistema de revitalização da identidade do negro. Assim como aborda o escritor Braga:

Tudo isto corrobora para a compreensão do candomblé como suporte permanente do processo de construção e revitalização da identidade do negro que se apropria constantemente e nem sempre de maneira consciente de um vasto e complexo conteúdo simbólico que remete, via de regra, as ocorrências históricas e na mesma dimensão aos mitos pretéritos que subjazem na memória coletiva e, conjuntamente – mito e história – é lá que moram caminhos da ancestralidade afro-brasileira (BRAGA, 1995, p. 20).

Com base na citação, é notório que o Candomblé favoreceu a construir a história do negro na Bahia, já que foi o estado que teve um número maior de pessoas escravizadas, mas esse fluxo também contribuiu para manter vivos seus costumes tanto alimentares como simbólicos, superstições, e o sagrado. Assim como aborda Júlio Braga:

É na Bahia, mais do que em qualquer outra região do país, notadamente na cidade de Salvador e no Recôncavo, fortemente marcados pela grande concentração de escravos africanos principalmente a partir do século XIX, que o forte contingente populacional negro mais consegue impor sua expressiva vigência dos valores civilizatórios afro-brasileiros (BRAGA, 1995, p. 17).

Também é visto como a religião da recriação, que ao ter interferência com o Catolicismo favoreceu a crise de identidade, por conta da mistura de costumes com o medo do “ridículo”, o candomblé em si perdeu a pureza e seu reconhecimento, já que na Bahia havia mais negros devia ser a religião predominante, o sincretismo religioso não favoreceu o candomblé, perdeu sua essência como religião, diversas lideranças afros assim como simpatizante, reconhece o cristianismo como a sua religião.

A pesquisadora Ana Nery Oliveira Brito possui estudos direcionado ao campo religioso em Conceição do Coité especificamente nos anos de 1965 - 2008 que discutem sobre as (re)criações entre o Catolicismo e o Candomblé.

O campo religioso em Conceição do Coité foi permeado de ressignificações, em que se mesclaram aspectos de várias religiosidades, a exemplo das relações entre Reisado e a religião afro-brasileira, as quais dialogaram perpassando o universo religioso coiteense. Em Conceição do Coité, os adeptos do Candomblé demonstraram experiências no que tange à inculturação. A Curandeira, Sr.<sup>a</sup> Arcana, disse que fazia parte do Catolicismo e do Candomblé, tendo em vista que a Sacerdotisa nasceu no universo do campo católico e considera que a fé é o aspecto primordial na busca por alguma graça. Além disso, ela mesma se autodeclarou como católica, situação que também pode indicar um resquício das perseguições dos Terreiros de Candomblé. A mãe Menininha do Gantois, em Salvador, também se dizia católica (BRITO, 2016, p. 49).

Com base nas fontes de Brito, existiram sacerdotes com dificuldades em se reconhecer apenas como candomblecista, assim como consta no depoimento da Sra. Arcanja.

A fé é abordada como fator essencial, problema que pode ser rastro da imposição do Cristianismo para com os povos afros, por muito tempo a cultura africana foi considerada ilegal na Bahia, de certa forma atingiu os povos afro-brasileiros.

A perseguição aos terreiros repercutiu em toda sociedade, de fato em alguns lugares as perseguições foram mais rígidas, sendo assim, com o apoio da polícia, e jornais, já outras localidades o que contribuiu para a discriminação aos candomblecistas, foram os meios de comunicação, e os comentários entre vizinhos que por não ter conhecimento acabavam repercutindo o que a elite dominante falava a respeito dos batuques, das práticas medicinais, a capoeira, o samba.

A conversa com a Sra. E, a mesma se autodeclarou católica, participou dos sambas no povoado de Correia entre os anos 2000, mas conta que seu pai desde a década de 80 a 90 que recorria aos sacerdotes, e a mesma relatou que não era uma atitude civilizada, ter templos afros no centro da cidade, situação que pode ser resquícios das falas preconceituosa vindas de radialista, já que era o único meio de comunicação que estava ao alcance.

No podia não, ter terreiro dentro da cidade, aff! O povo ia aguentar a zuada. Meu pai quando eu era menina participava, mas eu comecei a ir pra o samba, comer o caruru depois do meu sobrinho ter problema, foi no ano 2000 por aí, mais não fui pra consulta não foi pra vê meu sobrinho, o curador que cuidou dele (informação verbal<sup>9</sup>).

Percebam que a entrevistada participava em povoados, mas não via como algo belo ter os festejos dentro da cidade, talvez essa ideia tenha se desenvolvido a partir

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida pela Sra. E. no dia 15 de maio de 2022.

do momento que a cidade carrega o sinônimo da civilização, sendo assim ocorre à ruptura da religião, assim como discute Pierre Bourdieu:

A aparição e o desenvolvimento das grandes religiões universais estão associados a aparição e ao desenvolvimento da cidade é o campo marca uma ruptura fundamental da história da religião e concomitantemente, traduz uma das divisões religiosas mais importantes em toda sociedade afetada por esse tipo de oposição morfológica (BOURDIEU, 2007, p. 34).

Para Emanuela Bethânia Santana da Fonseca as denúncias entre os anos de 1976-1988, eram feitas pela imprensa.

Como era comum, neste tipo de denúncia veiculada pelas práticas de curandeirismo, pai e filha são acusados de explorar a população através da “má doutrina “do candomblé, divulgadas pela imprensa serviu para cristalizar um estereotipo que associa as religiões afro –brasileiras as práticas do mal e a feitiçaria (FONSECA, 2017, p. 23).

Essa crítica feita pela elite brasileira, em relação ao mundo afrodescendente não podia ser simplesmente a afirmação de algo incrédulo, era preciso deixar marcado como atitude ridícula, diante disso, utilizaram todas as ferramentas para combater o Candomblé. Júlio Braga fala sobre a perseguição e as estratégias para exterminar:

É obvio que a ilegalidade não decorria da celebração de uma religião diferente, isto é, não cristã. Todavia, era preciso justificar a perseguição aos candomblés e, para fazê-lo, ele teria que ser identificado ou confundido com práticas de feitiçaria e falsa medicina para que pudesse ser submetido ao rigor das leis vigentes (BRAGA, 1995, p.149).

### **2.3. Medicina popular: a cura fora dos hospitais**

Em relação à medicina popular na região coiteense não há registro, também relatos de pessoas criticando os remédios caseiros, sabemos que a medicina popular expandiu nos quintais das donas de casa, toda dona de casa tinha seu cercado com suas plantas medicinais.

A Sra. P, neta da babalorixá Ana, lembra satisfeita das rezadeiras desenvolvendo um papel essencial nos problemas de saúde das crianças. A mesma não citou nomes das rezadeiras. “Minha sogra aqui mesmo rezava ela não era curandeira nem nada, ela a rezava dizia: vá embora com o menino que eu sou rezo de longe, rezava dois três dias estava a boca do menino bom” (informação verbal<sup>10</sup>).

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida pela Sra. P. no dia 04 de junho de 2022.

A escritora Alaíze possui estudos voltado para atuação das rezadeiras, o que nos levar a pensar no papel importante que as agentes de cura desenvolvia no campo, através das plantas, principalmente envolvendo crianças.

No cenário de lavagem de roupas na fonte das cabeças, segundo depoimentos, era frequente a recorrência aos serviços de rezadeiras, uma vez que muitas crianças, jovens e as próprias lavadeiras careciam de serem rezadas, a fim de extirpar o quebranto, mau olhado e tantas outras mazelas que assolam os indivíduos no período; nos armazéns de fumo, aconteciam situações parecidas: diversas pessoas eram acometidas por espilhela caída, em virtude do peso excessivo que às vezes eram obrigadas a carregar, tornando-se necessária a intervenção das benzeções (CONCEIÇÃO, 2011, p. 40).

Era comum as donas de casas apelar para as rezadeiras, para tratar as crianças de mau-olhado, solicitar das garrafadas para combater as verminoses, entre outras mazelas.

A Sra. P. lembra outro fato envolvendo a sua sogra e sua irmã, para curar a boca de sua irmã.

Minha Irmã quase que morre, estourou a boca, garganta, tudo não engolia nada mais eu me lembro que estava velada ela dava aquela crise, botava a vela na mão que está morrendo, eu não conhecia ninguém pra tratar, eu não conhecia ninguém, minha madrinha que morava aqui aí ela disse a Mainha vai passar lá na casa de comadre Celestina e pede essa menina da ferida na boca, aí ela veio a menina esta mãe de família hoje (informação verbal<sup>11</sup>).

Por meio das rezas também existiu os mistérios, a partir do momento que a agente de cura prefere rezar de longe, fica no oculto os enigmas de como é feita a oração para a cura. Como também a confirmação da criança curada no outro dia, após o processo de benzer. Parece não ser a mesma rezadeira, pois nesse último depoimento a rezadeira preferiu vir até a casa, ou houve falha nas lembranças da Sra. P. As mulheres tinham confiança nos sacerdotes e babalorixá.

Porém no momento das entrevistas, os entrevistados a todo o momento tentavam fugir do assunto relacionado aos terreiros, outras não quiseram falar a respeito. Talvez o silêncio seja fruto do preconceito vindo dos dominantes, que batizaram o Candomblé como impuro para perpetuar poder ao Catolicismo e dominar os dominados. O autor Pierre Bourdieu no livro *a economia das trocas simbólicas* discute sobre religião, dialogando com outros historiadores que considera a religião como teoria de poder:

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida pela Sra. P. no dia 04 de junho de 2022.

Neste ponto, weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre a função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a legitimação do poder dos dominantes e para domesticação dos dominados (BOURDIEU, 2007, p. 32).

A religião é como um livro de leis, que se encarrega em classificar os direitos e deveres das às pessoas. Aqui percebe-se que algumas religiões deveriam sobreviver em detrimentos de outras. Acreditamos que a criação dos terços dos homens foi uma forma de afastar os moradores do sexo masculino dos espaços de rezas e festas nos terreiros.

## **CONCLUSÃO**

O presente trabalho teve como propósito, analisar o Catolicismo e o Candomblé em Conceição do Coité e o povoado de Correia, no contexto de um período marcado por um processo de modernidade e progresso no centro urbano, interligado com as influências religiosas e política.

Por meio das leis municipais, as elites buscavam impor seus projetos civilizatórios, combatendo os costumes dos povos humilde, como crenças incrédulas que ia contra a ideologia da civilização, especificamente os sambas de rodas.

Através das fontes orais, foi percebido na fala dos entrevistados, timidez ao falar dos terreiros, sendo que outros não quiseram falar sobre o assunto.

Entretanto, estudar a religiosidade é compreender as características herdadas dos povos de origem africana, ainda pouco pesquisado na região coiteense, tendo como finalidade trazer a importância da história cultural, associando com a mistura de crenças, para, além disso, compreender as dificuldades vividas naquele período. O objetivo desse trabalho é olhar de uma forma mais carinhosa para os membros religiosos e incentivar a união de todas as religiões, apontando os pontos positivos que cada uma delas tem a oferecer.

Esta pesquisa pode ser considerada como um ponto de partida para futuras pesquisas, pois ainda existem vários elementos a serem investigados em relação ao grupo do terço dos homens e as religiões.

## REFERENCIAS

BOURDIER, Pierre, **A economia das trocas simbólicas**, introdução, organização e seleção, Sergio miceli- são Paulo: perspectiva,2007 (coleção estudos; 20 dirigida por J. Guinsburg).

BRAGA, Júlio, **Na Gamela do Feitiço: repressão e resistência nos Candomblés da Bahia**, Salvador. EDUFBA,1995.

BRITO Ana Nery Oliveira, **Folia de Reisado de Cabaceiras (Conceição do Coité) (1965- 2005)** Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos, **“O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”: práticas culturais e religiosos no âmbito das benzeções. governador Mangabeira – recôncavo sul da Bahia(1950-1970)** Salvador,2011.

COUTO, Edilece Souza, **Devoções, festas e Ritos: Algumas considerações**, Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades religiosas e histórias, 2008.

COUTO, Edilece Souza, **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara N.S da Conceição e Sant`Ana em Salvador em (1860-1940)** Assis, SP: UNESP, 2004.

FONSECA, Emanuela Bethânia Santana da, **Práticas de cura e religiosidade afro-brasileira em Jacobina-BA (1976-1988)**, 2017.

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SALES, Erivaldo, Nunes, **Contribuição para a história do Candomblé Congo- na Bahia: O terreiro de Bernardino do bate folha (1916-1946)** Salvador 2017. Angola

SANTOS, Edmar Ferreira, **O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia /Salvador: EDUFBA, 2009.**

SILVA, Cândido da Costa, **Roteiro da vida e da morte (um estudo do Catolicismo no sertão da Bahia)** São Paulo, editora ática, 1982.

## FONTES

ARQUIVO Público Municipal de Conceição do Coité; livros de leis, **Código de posturas**, ano 1936.

ARQUIVO Público municipal, **O coiteense**.

Centro paroquial de Conceição do Coité **Livro do Tombo**.

## ENTREVISTAS

SRA. E. Residente na fazenda Simão, de Conceição do Coité, simpatizante do Candomblé, e católica, entrevista concebida em sua residência, no dia 15 de maio, de 2022.

SR. P. Residente no povoado de Correia, Católico, entrevista concebida na sua residência no dia 04 de junho de 2022.

Sra. P. Residente no povoado de Correia, católica, entrevista realizada em sua residência no dia 04 de junho, 2022.